



# Intricação pulsional e funções do sadismo primário: debate\*

Florence Guignard\*\*, Paris

Marli Bergel\*\*\*, Porto Alegre

*O debate inicia com uma breve apresentação do pensamento de Florence Guignard sobre a construção da genealogia das pulsões. A autora esclarece que, ao seu interesse sobre o masoquismo, associou o do sadismo, especialmente o sadismo primário. Considera que o mesmo constitui um momento da intricação pulsional essencial para o desenvolvimento da personalidade. Destaca, especialmente, contribuições de Melanie Klein sobre o sadismo e sua relação com a simbolização e a gênese das psicoses. Ancorada no pensamento de Klein – para quem as defesas contra o sadismo são contra a intricação pulsional, a patologia do sadismo sendo uma patologia do mecanismo de projeção e de suas transformações relacionais – mas buscando, também, desenvolver a compreensão dessas primeiras ligações e desligamentos da pulsionalidade humana, Guignard formula três hipóteses: a de uma sucessão de etapas de intricação pulsional – a genealogia das pulsões; a hipótese do objeto como agente integrador das pulsões; e a hipótese de uma forma primária de identificação como expressão primeira de uma relação.*

*Na seqüência do debate, Marli Bergel, após uma breve revisão sobre o conceito de sadismo primário em Freud e apreciação das idéias desenvolvidas por Guignard, dirige-lhe algumas questões sobre as pulsões sexuais, o intrincamento pulsional e a patologia do sadismo.*

*Descritores: Pulsões sexuais. Teoria das pulsões. Intrincamento pulsional. Genealogia das pulsões. Sadismo primário. Masoquismo erógeno.*

\* Debate realizado em 02 de agosto de 2005, na Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA), baseado no artigo *Intricação pulsional e funções do sadismo primário*, publicado neste número.

\*\* Membro da Sociedade Psicanalítica de Paris.

\*\*\* Membro Associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.





## 1 Florence Guignard

Em primeiro lugar, devo dizer que parti do masoquismo para construir minha genealogia das pulsões, mais exatamente do artigo de Freud, de 1924, sobre o masoquismo. E foi essa reflexão que despertou meu interesse pelo outro lado dessa estranha medalha, isto é, pelo sadismo. O artigo de 1924 sobre o masoquismo trata da função econômica do masoquismo, e penso que esta função não pode ser compreendida se não nos debruçarmos também sobre a função econômica do sadismo. Creio que, enquanto psicanalistas, estamos mais acostumados com uma situação e uma posição masoquista, porque há momentos em que gostaríamos de poder nos mexer e não podemos, temos de ficar ali na poltrona, à escuta dos pacientes. Mas creio, por outro lado, que não devemos nos iludir, pois também temos nosso sadismo. Já que o temos, vamos tentar saber do que ele é feito e para o que serve.

A meu ver, o sadismo primário é um momento da intricação pulsional absolutamente essencial para o desenvolvimento da personalidade. Vocês devem ter lido no meu texto a referência à história contada por Abraham (Freud; Abraham, 1907-1926) relativa ao momento em que ele descobria, ao mesmo tempo que Freud e em correspondência com ele, todo o problema do luto do objeto. Ele conta sua excursão na montanha, em que ouvia um carregador da caravana, ao tentar animar um outro a comer a carne estragada, dizendo-lhe: “Coragio, Casimiro!” Abraham compreendera perfeitamente a necessidade da elaboração da situação canibalesca na evolução e no desenvolvimento do processo do luto. Foi assim, então, que me interessei pelo sadismo primário. Reexaminei a situação a partir do nascimento, tentando refletir e citar também os autores que se ocuparam dessa questão. Por esta razão trabalhei muito com os textos de Melanie Klein, textos nos quais, partindo das descobertas de Freud, ela vai além em seu estudo mais minucioso do problema do sadismo. Destaco que Melanie Klein, em 1946, num período, portanto, avançado de sua obra, escreveu que até aquele momento conhecia-se pouco sobre a estrutura do primeiro ego. Ora, o sadismo primário é uma intricação pulsional que tem sua importância na instalação das pulsões do ego, como tentei descrever em minha genealogia das pulsões. Melanie Klein dizia nesse texto que faltava muita coesão ao primeiro ego, e uma tendência à integração alterna com uma tendência à desintegração, uma tendência para o despedaçamento. Penso que a técnica analítica progrediu muito quando conseguimos admitir que o ego não era uma entidade unitária. Uma das representações que podemos ter do início do pensamento humano é a ligação que se estabelece entre a boca e o mamilo do seio,





a metamorfose do seio. Vocês devem se lembrar que René Spitz, em 1957, já falava da cavidade primitiva ao referir-se à boca. A boca é o teatro da intricação pulsional. Meltzer, Martha Harris e outros autores retomaram isso.

É claro, isso diz respeito à oralidade e ao sadismo primário, que é o sadismo oral. Também podemos refletir sobre a importância desse sadismo oral como momento de intricação pulsional, se lembrarmos que, ao nascimento, o bebê grita, isto é, tem uma atividade projetiva, projeta algo para fora dele. E a primeira reação é colocar o bebê no seio, ou seja, tentar dar-lhe algo para fazer com que introjete alguma coisa. Essa introjeção, porém, se dá, evidentemente, de um modo muito próximo da pulsão, ou mesmo do instinto, se preferirmos, ou seja, da incorporação. Conhecemos tudo o que Melanie Klein, depois de Freud, desenvolveu em torno da questão das fantasias de devoração do seio.

Eu gostaria de destacar que, ao estudar as relações entre o sadismo, a simbolização e a psicose, M. Klein estabeleceu, em relação com o conceito freudiano de ponto de fixação, uma gênese das psicoses. No que concerne ao nosso assunto desta noite, ela formula a hipótese de uma inibição muito precoce ou até mesmo de uma regressão da organização primeira do sadismo oral e anal. Ela pensa que o ponto de fixação da demência precoce se situa no apogeu da fase do sadismo oral. Abrindo parênteses, lembro que ela desenvolveu e escreveu o caso do pequeno Dick, qualificando-o como demência precoce quando o tratou em 1930, e foi só em 1943 que Kanner identificou a psicopatologia que ele vai designar autismo.

O ponto de fixação da paranóia, para M. Klein, encontra-se na segunda fase do sadismo oral. Ela destaca, como Freud e Abraham, o fato de que esse ponto de fixação da paranóia é um ponto de fixação na fase narcísica. Descreve com grande perspicácia o radicalismo das defesas usadas pelo ego nascente às voltas com a violência das pulsões de vida e de morte e com as falhas da intricação destas através do sadismo precoce. Por que este sadismo precoce é tão importante? Porque, se acompanharmos também a descoberta de M. Klein sobre a precocidade da configuração edipiana, poderemos efetivamente compreender que, segundo ela, os estágios precoces dessa configuração edipiana são dominados pelo sadismo. A primeira defesa estabelecida pelo ego se opõe ao sadismo do próprio sujeito e ao objeto atacado, ambos concebidos como fontes de perigo. É preciso, pois, compreender que as defesas instaladas contra o sadismo são defesas extremamente violentas e diferentes do mecanismo do recalque que, claro, é mais tardio. M. Klein ressalta também que tais defesas contra o sadismo são contra a intricação pulsional que o sadismo supõe, isto é, suportando tanto as pulsões de vida quanto as pulsões de morte. Estas defesas são responsáveis também, no menino, por um ataque contra seu próprio pênis, vivido como executor do sadismo, sendo, portan-





to, uma das fontes mais importantes e profundas dos distúrbios da potência sexual. Ora, se a criança estiver muito aterrorizada pelo seu próprio sadismo, se dele se defender de maneira excessiva e prematura, seu ego não vai poder se desenvolver. A vida fantasmática vai ser pobre e a criança não vai poder estabelecer relações adequadas com a realidade. Com efeito, não poderá apropriar-se em fantasia dos conteúdos do corpo materno, que são vividos como todas as riquezas do mundo, sem se fazer atacar, em retorno, por esse corpo materno que se tornou perigoso sob o domínio de suas próprias pulsões sádicas. Haverá uma guerra; toda a pulsão epistemofílica será inibida; o desenvolvimento das capacidades de simbolização também será entravado.

Melanie Klein ainda enfatiza outro aspecto que esquecemos muitas vezes: o fato de que, se a simbolização for perturbada, se observa também um recuo na relação do sujeito com seu entorno e com a realidade. Este recuo pode chegar à falta de afeto e de angústia, um dos principais sintomas do que ela denominava demência precoce e que nós denominamos autismo.

Para concluirmos esta parte, poderíamos dizer, pois, que a patologia do sadismo é uma patologia do mecanismo de projeção e de seu devir ou de suas transformações relacionais.

Perguntei-me se hoje poderíamos avançar na compreensão dessas primeiras ligações e desligamentos da pulsionalidade humana e lancei três hipóteses: a hipótese de uma sucessão de etapas de intricação pulsional, isto é, a famosa genealogia das pulsões; a hipótese do agente organizador da fonte pulsional, isto é, o objeto como agente integrador das pulsões, e a hipótese de uma forma primária de identificação como expressão primeira de uma relação – estou apenas citando Freud, que dizia que a identificação é a primeira das relações de objeto.

Retomo, então, rapidamente a hipótese de uma sucessão de etapas de intricação pulsional, ou seja, a genealogia das pulsões. Remeto vocês ao meu livro intitulado *Epître à l'objet* (1997), traduzido em português sob o título *Cartas ao objeto*, pois é onde falo pela primeira vez dessa genealogia. O objeto como integrador é conhecido. A forma primária de identificação é, naturalmente, a identificação projetiva, com tudo o que foi dito por Bion e, depois, por M. Klein sobre a função primeira da identificação projetiva na relação normal de duas pessoas. Podemos agora passar à discussão. Não falarei da patologia do sadismo primário porque isso se refere à genealogia das pulsões.





## 2 Comentários de Marli Bergel

Inicialmente gostaria de agradecer à Comissão Científica de nossa Sociedade pelo convite para iniciar o debate a respeito do trabalho da Dra. Florence Guignard. É uma satisfação estar com ela nesta mesa.

Iniciarei meu comentário com uma pequena revisão em Freud a respeito do conceito de sadismo primário. Em sua primeira teoria das pulsões, Freud (1905) considera o sadismo um componente agressivo da pulsão sexual. Fenômeno primário, uma vez que seu par – o masoquismo – seria o retorno do sadismo em relação ao eu (1915).

No entanto, com o advento do conceito de pulsão de morte, Freud (1924) passa a considerar a existência do masoquismo erógeno como fenômeno primário, oriundo de uma parcela da ligadura das pulsões de vida e de morte que permaneceu dentro do sujeito. O masoquismo erógeno primário torna-se um componente da libido e o próprio eu seu objeto.

Quanto ao sadismo, Freud (1924) passa a considerá-lo presente em uma parte da ligadura das pulsões projetada para fora do sujeito através da musculatura e colocada a serviço da função sexual. É o que ele chama de sadismo propriamente dito. Freud distingue outra porção da pulsão de morte que foi desviada para o mundo externo como pulsão destrutiva, de domínio ou vontade de poder .

Com exceção de um trecho no *Problema Econômico do Masoquismo* (1924) em que escreve “[...] estando-se preparado para desprezar uma pequena falta de exatidão, pode-se dizer que a pulsão de morte operante no organismo – sadismo primário – é idêntica ao masoquismo.” (p. 205), Freud não se refere mais ao sadismo como primário.

A partir da leitura do trabalho da Dra. Florence, se percebe que ela segue denominando sadismo primário a expressão projetiva desta intricação pulsional, no sentido dos objetos do mundo externo.

Adiante em seu texto, Dra. Florence descreve a importância do entrelaçamento das várias pulsões para a manutenção da vida. Ao citar Abraham, considera que o sadismo oral e a crueldade permitem o desaparecimento do objeto, sem o que não há luto e, portanto, não há constituição de um objeto interno. Observa-se, então, a importância da pulsão de morte e não apenas a de vida, na instalação do objeto dentro do eu.

Freud (1923) considera que, somente pela ação conjunta das pulsões, podemos explicar a rica multiplicidade dos fenômenos da vida. No texto *A negativa* (1925), considera que “[...] a afirmação – como um substituto da união – pertence a Eros; e a negativa – o sucessor da expulsão – pertence à pulsão de destruição”





(p. 300). Ambas se fazem necessárias. Na medida em que Eros tem uma grande força de ligação, força de fusão, é necessário algo que desligue e assim promova a separação. Graças a esta força de desligamento da pulsão de morte, conseguimos constituir o objeto interno, como também descreve Dra. Florence. O sadismo, portanto, como produto da fusão das duas, é fundamental.

A leitura de Green (1986) da segunda teoria das pulsões de Freud me parece bastante coerente. A meta da pulsão de vida seria garantir a função objetualizante. O objeto é provocador de excitações. A ação da pulsão de morte, que originalmente buscaria o *nada* (zero, ausência de tensões), portanto, procura afastar o objeto provocador das mesmas. Assim sendo, a meta da pulsão de morte seria a desobjetualização.

A pulsão de vida promove no psíquico uma exigência constante de trabalho. Um adequado intrincamento promove um refinamento crescente que favorece a capacidade do pensar. O desejo e a possibilidade de pensar somente surgem na ausência do objeto, ausência tolerável para um psiquismo em formação. Quando ocorre um desintrincamento, ou não se completa o entricamento, estaremos diante das patologias que Dra. Florence descreve ao longo de seu trabalho.

Dra. Florence, através de suas leituras de Abraham, Spitz, Klein, Winnicott e Bion, nos mostra seu modo de entender o funcionamento psíquico a partir do jogo de projeções e introjeções, ligamentos e desligamentos das pulsões. Acredito que, devido à escolha do tema, privilegia as proposições de Melanie Klein sobre o conceito de pulsão de morte, especialmente no que se refere à projeção desta através do sadismo, já que a mesma se aprofundou no tema. Partindo desses referenciais, Dra. Florence compreende as primeiras ligações e desligamentos da pulsionalidade humana em relação ao seu meio ambiente e ao seu corpo através de um processo que ela denomina de genealogia das pulsões.

Essa genealogia se estabelecerá através de três gerações. A primeira geração seria composta pelas pulsões de vida e pulsões de morte. A segunda geração originar-se-ia do intrincamento das duas pulsões básicas que daria origem às pulsões sexuais. Do intrincamento das pulsões sexuais e da versão adulta das pulsões da mãe originar-se-iam as pulsões do ego.

Com base em seus conceitos, gostaria de ouvi-la mais sobre a escolha do termo *pulsões sexuais* para o resultado do primeiro intrincamento. Para Freud, estas fariam parte das pulsões de vida. Outra questão é se o intrincamento que as origina aconteceria antes de qualquer ação específica do objeto. Por isso refere “[...] pertencer exclusivamente à organização psicossomática do recém-nascido”? (Guignard, 2005, p. 273). Seria uma potencialidade inata?

Poderíamos dizer que o seu conceito de pulsões sexuais se equivaleria ao





conceito de masoquismo erógeno originário referido por Freud (1924), na medida em que é o resultado do primeiro intrincamento das pulsões?

Quanto às pulsões do ego, segundo a sra., seriam fruto do encontro das pulsões sexuais da criança com a genealogia das pulsões maternas adultas. O conceito de pulsões do ego, aqui, refere-se às pulsões de autoconservação? Para Freud, na primeira teoria das pulsões, as pulsões sexuais manifestar-se-iam apoiadas nas de autoconservação (1905), seriam posteriores, portanto. Pelo que compreendi, para a sra. seria anterior. Poderia nos explicar por que pensa assim?

No que se refere à hipótese do objeto como agente organizador da força pulsional, a psicanálise contemporânea tem se dedicado a estudar com mais profundidade o efeito do objeto na estruturação do psiquismo do sujeito. A sra. refere Winnicott com suas concepções a respeito da percepção que toma o lugar da apercepção. A partir da falta de acolhimento do ambiente, pode ocorrer um atrofiamiento da capacidade criadora do bebê. Também cita Bion (1961) e seu conceito de *rêverie* materna. Lembrei de Green (1990) que, seguindo as proposições destes dois autores, considera que a intervenção demasiadamente precoce da realidade promove situações em que o bebê precisa se defender não apenas de suas próprias pulsões como também das pulsões do objeto e assim tem de dar conta de dois *fronts*. Como as pulsões, para este autor, comportam sempre uma dimensão violenta, a luta que a criança terá de administrar será muito intensa para um psiquismo em formação, com resultados daninhos.

A sra. destaca a importância das variações econômicas do investimento pulsional sexual pelo objeto materno, de suas atividades de alimentação e maternagem na economia de investimento do trato digestivo pelas pulsões sexuais da criança.

Assim, poderíamos pensar na patologia do sadismo (incremento da pulsão de morte) como uma defesa do sujeito frente à intrusão do objeto (por excesso ou por falta), o que dificultaria o intrincamento das pulsões e a origem das capacidades representacional e simbólica?

A partir da sua genealogia das pulsões, Dra. Florence pensa, de acordo com a gravidade das patologias, em qual das gerações poderiam ter ocorrido dificuldades no intrincamento das diversas pulsões. Retoma então alguns conceitos de Klein sobre sadismo do id e sadismo do superego de acordo com as patologias.

Ao final de seu texto, Dra. Florence se questiona quanto à abordagem psicanalítica destas patologias. Concentra suas esperanças nos desenvolvimentos bionianos, na medida em que o psiquismo dos pacientes oscila entre dois modos de relação de objeto: objeto parcial  $\leftrightarrow$  objeto total. Refere que o psicanalista amplia suas perspectivas, se puder usar conceitos resultantes da conjunção de vários





Florence Guignard e Marli Bergel

vetores que desenvolvem sua dinâmica num espaço-tempo de quatro dimensões, aos quais denomina de conceitos de terceiro tipo. Gostaria que a sra. pudesse nos falar um pouco mais sobre estes conceitos.

Para finalizar, destaco novamente minha satisfação em ter a oportunidade de discutir suas idéias nesta noite em nossa Sociedade. E acrescentar que penso que nossas esperanças na relação com os nossos pacientes se encontram na capacidade criadora e de ligação das pulsões de vida e, sendo assim, no poder transformador da psique, no que me aproximo da senhora no momento em que também vejo a mente como oscilando entre dois modos de relação. Esta oscilação nos dá a possibilidade, no trabalho da transferência-contratransferência, de fazermos novas ligações e intrincamentos. Como discutíamos no ano passado em evento realizado em nossa Sociedade a respeito de *Determinismo, Trauma e Complexidade*, a mente não é um sistema fechado. Se, como nos disse Freud (1896), os eventos passados são remanejados *a posteriori* pelo sujeito a partir de novas experiências, sofrendo novas re-inscrições e adquirindo assim novos sentidos, reside aí nossa esperança. Para tanto, também é preciso remanejar *a posteriori* o que vivemos e aprendemos com nossos pacientes. E também em debates com colegas, como esse que faremos esta noite. Esperamos que nosso encontro permita que nossas teorias alcancem remanejamentos e re-inscrições que nos possibilitem o aperfeiçoamento de nossa prática.

### 3 Comentários de Florence Guignard

Em primeiro lugar eu gostaria de agradecer-lhe o grande trabalho que fez. Você completou, a partir da base freudiana, o que eu propus sobre o sadismo primário. Obviamente, eu também realizei este estudo, mas não o retomei neste artigo. Agradeço-lhe porque isso compõe um panorama bem mais completo.

Devo talvez falar justamente de uma pequena exceção no problema econômico do masoquismo. Você cita Freud (1924), que escreve: “[...] estando-se preparado para desprezar uma pequena falta de exatidão, pode-se dizer que a pulsão de morte operante no organismo – sadismo primário – é idêntica ao masoquismo” (p. 205). Depois disso Freud não se refere mais ao sadismo enquanto sadismo primário. Para mim, *O problema econômico do masoquismo* é um dos textos mais inspirados de Freud, não pela beleza no plano literário, como, por exemplo, *Moisés e o monoteísmo*, mas porque contém um número muito grande de intuições. Observamos que, por causa desse número de intuições e pela importância delas, ele é obrigado a fixar limites para poder manter o fio do seu pensamento. É aí que





ele diz que o sadismo e o masoquismo são a mesma coisa. Naturalmente, quando Freud diz isso, não diz ao mesmo tempo tudo o que estudou sobre o masoquismo: o masoquismo primário, o masoquismo erógeno, o masoquismo feminino que só se manifesta no homem, como sabemos. Lembrem-se de sua descrição: *sofrer o coito e parir*. É a definição do masoquismo feminino. Havia, portanto, muito trabalho a ser feito a partir daí.

Eu diria que descobri essa genealogia das pulsões no texto de Freud de 1924, a partir da frase – cito de memória – em que Freud diz algo como: *poderíamos estabelecer uma pequena, mas interessante, sucessão dos fatos*. É aí que ele fala da intricação das pulsões de vida e das pulsões de morte. Fala de um segundo estado das pulsões – não denominadas por ele, naquele momento, pulsões sexuais propriamente falando – em que estas, unindo-se ao que ele chama de mundo externo, dão origem às pulsões do ego. Apenas melhorei a tradução, ou seja, no que concerne à primeira geração das pulsões, as pulsões de vida e as pulsões de morte, não esqueci, ao escrever, que Freud sempre considerou essa geração como absolutamente hipotética. Ele a chamava de *Ur ur trib*, as mais antigas das antigas. Elas são tão antigas, que podemos até duvidar da sua existência histórica. Eu a considero como uma referência assintótica. Isso me ajuda também, porque não preciso cair na discussão de saber se sou a favor ou não da existência da pulsão de morte. Creio que temos mais com o que nos ocupar.

O que pode ser revolucionário no que descobri quanto ao problema econômico do masoquismo se situa na geração seguinte, ou seja, se admitirmos que a intricação pulsional das pulsões de vida e das pulsões de morte dá origem às pulsões sexuais, nos livramos da famosa questão de saber o que fazer das pulsões na problemática do narcisismo. Porque vivemos todo um desenvolvimento do pensamento psicanalítico com teorias muito interessantes sobre o narcisismo, mas nas quais não mais sabíamos onde estava a pulsão. É importante, então, pensar que há uma unidade das pulsões que são designadas como sexuais.

Considero e permito-me considerar uma defesa da parte de Freud o fato de ter constantemente transigido com essa idéia de sua descoberta das pulsões sexuais. Este *escândalo* das pulsões sexuais que descobriu. Ora ele as leva mais adiante, ora as deixa de lado, mas, na verdade, podemos muito bem ler toda a obra dele com a idéia de que a descoberta das pulsões sexuais foi por certo sua descoberta revolucionária. Mas a partir desta descoberta, há uma outra decorrente dela, da qual Freud fala muito claramente, parece-me, em *O problema econômico do masoquismo*, quando ele diz que há uma intricação entre as pulsões sexuais e o mundo externo. Creio que hoje podemos compreender que o mundo externo não é um objeto concreto, não é uma mesa, um tronco, é o psiquismo de alguém. A





primeira pessoa que encontramos é, em geral, nossa própria mãe. Como hoje, entre Freud e nós, – entre outros, Bion –, creio não ultrajar ninguém e não ser uma terrível ousadia se eu disser que podemos compreender o mundo externo de que Freud falava, em 1924, como a capacidade de *rêverie* da mãe. Compreendamos bem que essa intricação se dá entre pulsões sexuais em estado nascente na criança e não uma genealogia, como você escreveu, mas uma organização pulsional adulta. É claro que há partes de criança no adulto, mas é algo estruturado. Penso que os resultados disso são as pulsões do ego – é Freud quem o diz, mas eu o repito.

Você me pergunta se podemos falar de pulsões de autoconservação. Digo justamente isso em meu artigo, ou seja, trata-se tanto de uma pulsão de autoconservação na primeira tópica quanto de uma pulsão do ego na segunda tópica. Temos aí uma correspondência. Nas pulsões do ego, podemos situar o tripé pulsional descrito por Bion (1962): L mais ou menos, H mais ou menos, K mais ou menos.

Responderei muito precisamente a algumas questões. Sobre a escolha do termo pulsão sexual, este termo está no texto freudiano de 1924.

Quando você pergunta se é por isso que me refiro a ela dizendo que pertence exclusivamente à organização psicossomática do recém-nascido e que isso vem de uma potencialidade inata da intricação das pulsões de vida e de morte, eu diria que sim. É uma potencialidade, mas que é logo tomada pela relação. Foi por isso que citei Minkowski<sup>1</sup>, que, ao ouvir ou ver prematuros gritarem, é capaz de apontar qual deles quer viver e qual não quer viver. Não vou falar mais sobre o conceito de resiliência, que vocês conhecem bem.

Você me pergunta também se poderíamos, então, dizer que meu conceito de pulsão sexual equivaleria ao conceito de masoquismo erógeno primário, citado por Freud, na medida em que é o resultado da primeira intricação das pulsões. Penso que devemos inverter a questão. Se considerarmos essa genealogia das pulsões, podemos dizer que o masoquismo erógeno primário constitui uma das figuras da intricação das pulsões sexuais. Creio que devemos vê-lo desta forma.

Uma lei que sempre se confirma é a de que todas as descobertas que fazemos sobre o modo de funcionamento do psiquismo começam no nível da sua patologia. Só depois se descobre a normalidade. Não vou entrar na discussão daquilo que Green retomou de uma descoberta que, na verdade, foi feita por Klein. Nos anos trinta, Klein disse que a capacidade do bebê de entrar em contato com a realidade de maneira muito precoce podia trazer conseqüências muito importantes e patológicas para o seu desenvolvimento. É justamente uma das figuras da

<sup>1</sup> Comunicação oral.





patologia do sadismo. A patologia do sadismo é a patologia da projeção. E o esquizofrênico não reprojeta suficientemente, retém tudo dentro dele e não tem essa possibilidade de se livrar de algo rejeitando-o. É por isso que o conceito de realidade é um conceito muito difícil na psicanálise, pois não sabemos muito bem o que é a realidade externa. Deveríamos saber que não é o equivalente da realidade interna, e é tudo o que sabemos dela. De modo que, quando falamos da intrusão da realidade externa, perdemos a oportunidade de nos ocupar da qualidade dos instrumentos do sujeito para apreender essa realidade externa. Sempre acabamos sendo pegos, então, pela realidade psíquica quando fazemos uma representação, por exemplo, dos pais de nosso paciente e temos uma idéia, em geral, esquemática de uma mãe extremamente protetora e de um pai não suficientemente autoritário ou não suficientemente fálico. Quando temos a oportunidade de falar de nosso trabalho com um colega, descobrimos que, infalivelmente, num momento ou outro, funcionamos com nosso paciente em identificação inconsciente com um de seus objetos internos, um de seus pais internos, e que, do mesmo modo, infligimos a esse paciente algo dos traumatismos de que ele se queixa. É o que chamo de pontos cegos. Acrescento que, felizmente, não poderíamos trabalhar – não estaríamos em nosso trabalho – se não caíssemos nesses pontos cegos.

Para concluir, devemos poder sair desses pontos cegos, mas, para isso, é preciso inverter nosso masoquismo em um movimento sádico, isto é, rejeitar algo. Obviamente, todo o mundo conhece o ódio na contratransferência de Winnicott. É o momento em que temos vontade de sair dali, como quando damos pontapés embaixo d'água para emergir. Se não vivemos estes momentos, é nossa saúde mental e, muitas vezes, até mesmo nossa saúde física que está em perigo. Eu gostaria de poder escrever sobre as doenças do psicanalista causadas pela dificuldade de se desligar dos pacientes, ma não creio que o consiga.

#### 4 Debate com o público

**Questão** – *Sempre que surge um conhecimento novo, gera-se um momento de confusão. Eu estou neste momento tentando integrar os elementos à espera de um fato selecionado que permita deslocar-me em direção à posição depressiva. A partir da idéia que a senhora nos traz do sadismo primário surgindo da primeira intricação das pulsões, qual a utilidade clínica de manter o conceito de pulsão de morte?*

*A segunda questão decorre da primeira: conforme sua teoria, não estaríamos correndo o risco de cair naquilo que Freud sempre recusou, ou seja, o monis-*





Florence Guignard e Marli Bergel

*mo pulsional, já que existiriam apenas as pulsões sexuais a partir da segunda geração?*

**Florence Guignard (FG)** – Há também as pulsões do outro... O problema que sempre existiu é como ligar o narcisismo e a relação de objeto, como ligar tudo o que é, por exemplo, auto-erotismo e a relação de objeto. Evidentemente, todas essas indagações que todo o mundo faz podem ser reunidas num mesmo campo, se considerarmos que o narcisismo é o reverso, o outro aspecto da relação com o objeto e que essa relação compreende as pulsões sexuais que representam a intricação das pulsões de vida e das pulsões de morte. Eu não repeti aqui o que escrevi em meu artigo sobre a patologia do sadismo primário, mas os remeto a ele para que vejam justamente por que ou como a intricação das pulsões de vida e das pulsões de morte que as pulsões sexuais representam é uma intricação certamente frágil, podendo, portanto, se desfazer.

Isso me leva a dizer que a leitura que você fez de Green sobre a ação da pulsão de morte, que, originariamente, buscaria o nada, o zero, portanto a ausência de tensão, é uma das versões da pulsão de morte. É a pulsão de morte que visa o Nirvana. Mas houve muitas discussões a respeito da qualidade da pulsão de morte, que poderia ser a destrutividade. Não é a excitação. Não concordo quando você diz que a pulsão de vida promove uma exigência de trabalho constante no psiquismo. Penso que já é o resultado de uma intricação das pulsões de vida e de morte nas pulsões sexuais – primeira intricação – e que essas pulsões sexuais precisam ser intricadas com as pulsões de uma organização psíquica madura, adulta – capacidade de *rêverie* da mãe – para dar origem às pulsões do ego. E, nas pulsões do ego, há justamente L, H e K, e o K, que é o desejo de conhecer, se torna de certo modo o líder, a pedra angular da exigência do trabalho psíquico.

**Questão** – *Seguindo o que foi dito pelo Dr. Favalli sobre fazer pensar novas idéias relacionando-as com outros autores, por exemplo, Rosenfeld e as idéias de fusão e des fusão das pulsões como o narcisismo destrutivo, ele não reconhece muito esta etapa do objeto nessa estratificação. Talvez no fim de sua teoria, quando fala do narcisismo pele fina.*

**FG** – Vou tentar rever este aporte de Rosenfeld, que é muito importante.

**Questão** – *Antes de passar a palavra à Dra. Guignard para suas considerações finais, eu diria que, ao se referir ao texto de 1924, O problema econômico do masoquismo, ela o considera um trabalho inspirado, grávido de intuições tão*





*importantes, que Freud precisou restringir os problemas que aborda a fim de não perder o fio do pensamento. Eu diria que é um texto que pulsa. Todos os que o leram e estudaram sabem quão complexo é. Pois bem, penso que a Dra. Guignard faz a garimpagem de uma pepita teórica, formulando a partir disso sua concepção da genealogia das pulsões e que essa visão vai ficar pulsando em nossa sociedade. O encontro cumpriu seu objetivo de realmente possibilitar o debate, mas isso não é suficiente. Ainda bem que gravamos a atividade, porque precisaremos muito tempo para ver se manteremos o fio do pensamento diante do pulsar de nossas discussões. Dra. Guignard é como um agente organizador de nosso pensamento. Agradeço-lhe as colocações e passo-lhe a palavra.*

**FG** – Minhas considerações finais serão muito breves. Eu gostaria de dizer-lhes que aqui, com vocês, é um dos lugares, ou talvez o lugar em que melhor me sinto para pensar. Agradeço-lhes do fundo do coração a maneira como escutam e tentam identificar-se com os movimentos psíquicos que me fizeram refletir e me permitiram apresentar-lhes o que apresentei. É um privilégio que vocês me oferecem e agradeço por isso. □

## Abstract

### **Intrication of drives and functions of primary sadism: debate**

The debate begins with a brief presentation of the thinking of Florence Guignard about the construction of the genealogy of drives. The author explains that, to her interest in masochism she associated her interest in sadism, especially primary sadism. She considers that this constitutes a time of intrication of drives essential to develop the personality. She especially highlights contributions by Melanie Klein on sadism and its relationship with symbolization and the genesis of psychoses. Rooted in the thinking of Klein – for whom the defenses against sadism are against the intrication of drives, the pathology of sadism being a pathology of the projection mechanism and its relational transformations – but also seeking to develop the understanding of these first connections and disconnections of human drive -, Guignard presents three hypotheses: that of a succession of stages of intrication of drives – the genealogy of drives; the hypothesis of the object as an agent that integrates drives; and the hypothesis of a primary form of identification as the first expression of a relationship.





Florence Guignard e Marli Bergel

Keywords: Sexual drives. Theory of drives. Intrication of drives. Genealogy of drives. Primary sadism. Erogenous Masochism.

## Resumen

### **Intricación pulsional y funciones del sadismo primario: debate**

El debate empieza con una corta presentación del pensamiento de Florence Guignard sobre la construcción de la genealogía de las pulsiones. La autora clarea que ha asociado a su interés por el masoquismo el interés por el sadismo, sobre todo el sadismo primario. Considera que es un momento de la intricación pulsional esencial al desarrollo de la personalidad. Subraya, en particular, los aportes de Melanie Klein sobre el sadismo y su relación con la simbolización y el génesis de las psicosis. Anclada en el pensamiento de Klein - para quién las defensas contra el sadismo son contra la intricación pulsional, la patología del sadismo siendo una patología del mecanismo de proyección y de sus transformaciones relacionales - pero buscando además desarrollar la comprensión de esos primeros ligamientos y desligamientos de la pulsionalidad humana, Guignard postula tres hipótesis: la de una sucesión de fases de intricación pulsional – la genealogía de las pulsiones; la hipótesis del objeto como agente integrador de las pulsiones y la hipótesis de una forma primaria de identificación como manifestación primera de una relación. En la continuación, Marli Bergel, después de una breve revisión del concepto de sadismo primario en Freud y de las ideas desarrolladas por Guignard, formula preguntas sobre las pulsiones sexuales, el intricamiento pulsional y la patología del sadismo.

Palabras llave: Pulsiones sexuales. Teoría de las pulsiones. Intricamiento pulsional. Genealogía de las pulsiones. Sadismo primario. Masoquismo erótico.

## Referências

- BION, W. R. (1961). *Réflexion faite*. Paris: P.U.F., 1983.  
———. (1962). *Aux sources de l'expérience*. Paris: P.U.F., 1979.  
FREUD, S. (1896). Carta 52. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 317-324.  
———. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. 7. Rio de Janeiro: Imago, 1989, p. 129-250.  
———. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. In: *Edição standard brasileira das obras psicoló-*





- gicas completas de Sigmund Freud* . v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 137-168.
- . (1923). O ego e o id. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* . v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 73-148.
- . (1924). O problema econômico do masoquismo. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* . v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 175-188.
- . (1924). Le problème économique du masochisme. In: ————. *Névrose, psychose et perversion*. Paris: P.U.F., 1973, p. 289-290.
- . (1925). A negativa. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* . v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1976, p. 263-269.
- FREUD, S.; ABRAHAM, K. (1907-1926). *Correspondance*. Paris: Gallimard, 1969.
- GREEN, A. (1986). Pulsão de morte, narcisismo negativo, função desobjetalizante. In: ————. *A pulsão de morte*. São Paulo: Escuta, 1988.
- . (1990). *Conferências brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- GUIGNARD, F. (1997). *Epître à l'objet*. Paris: P.U.F., 1997.
- . (2005). Intricação pulsional e funções do sadismo primário. *Rev. Psican. SPPA*. v. 12, n. 2, p. 263-279.
- KLEIN, M. (1930). L'importance de la formation du symbole dans la formation du moi. In: ————. *Essais de psychanalyse*. Paris: Payot, 1968, p. 263 a 278.
- . (1946). Notes sur quelques mécanismes schizoïdes. In: KLEIN, M. et al. *Développements de la Psychanalyse*. Paris: P.U.F., 1966, p. 274-300.
- SPITZ, R. (1957). *Le non et le oui: la genèse de la communication humaine*. Paris: P.U.F., 1962.

Recebido em 19/09/2005

Aceito em 30/10/2005

Tradução de **Vanise Dresh**

Revisão técnica de **Gisha Brodacz**

**Florence Guignard**

Square d'Orleans – Pavillon 7, 80 rue Taibout

75009 – Paris – France

e-mail: flogui2@club-internet.fr

**Marli Bergel**

Rua Dona Laura, 354/505

90430-090 – Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: marlibergel@terra.com.br

© Revista de Psicanálise – SPPA

